

SUICÍDIO EM POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

*Fabrcia Emanuelle Rodrigues Gomes*¹

*Alexandre Castelo Branco Herênio*²

*Whigney Edmilson da Costa*³

RESUMO: O suicídio é um problema enfrentado em vários países. É indiscutível que alguns grupos de pessoas são mais vulneráveis em relação aos outros, dentre eles cita-se: pessoas que enfrentam grandes dificuldades financeiras, homossexuais, pessoas privadas de liberdade, grupos marginalizados, indígenas. Foi exatamente esse último grupo social citado o foco deste trabalho. Isto é, esse artigo verificou, através de uma análise bibliográfica, como o suicídio afeta a população indígena brasileira e quais suas consequências, além do que pode ser (ou está sendo) feito para amenizar essa situação. Esta investigação foi elaborada com base em artigos científicos (16 no total), encontrados nas plataformas *Scielo* e *Google Acadêmico*. Após a leitura das obras foram realizados filtros a fim de selecionar apenas os trabalhos que se relacionavam com objetivo da pesquisa. Assim, foi possível relacionar diversas causas que explicam a elevada taxa de suicídio destes povos, como, por exemplo: uso excessivo de bebida alcoólica, práticas religiosas, impactos negativos da globalização, conflitos de terras com fazendeiros e garimpeiros. Logo, os autores estudados foram unânimes em afirmar que o Brasil precisa de uma eficiente política pública voltada à essas comunidades com o intuito de conscientizar toda a população, principalmente os mais jovens, sobre como lidar com essa problemática de maneira a lhes garantir o bem-estar e preservar-lhes a cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Povos indígenas. Suicídio indígena no Brasil. Psicologia.

ABSTRACT: Suicide is a problem faced in virtually all countries (albeit to different degrees). It is known that poor countries tend to suffer more for not knowing/being able to deal efficiently with the dilemma. It is indisputable that some groups of people are more vulnerable than others; among them are: people facing major financial difficulties, homosexuals, people deprived of freedom, marginalized groups, indigenous people, etc. It was exactly this last social group mentioned that was the focus of this work. That is, the present research project verified, through a bibliographical analysis, how suicide affects the Brazilian indigenous population. What are the consequences and what can be (or is being) done to alleviate this situation. This project was based on scientific articles (16 in total), found on the *Scielo* and *Google Academic* platforms. After reading the works, filters were

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário Alfredo Nasser.

² Psicólogo, Mestre (PUC-GOIÁS) e Doutorando em Psicologia (UNB), professor do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Contato: alexandrecastelo@unifan.edu.br

³ Mestrando em Psicologia. Graduado em Psicologia e Residência Multiprofissional em Infectologia.

carried out in order to select only the works that met the research objective. Thus, it was possible to relate several causes that explain the high suicide rate of these peoples, such as, for example: excessive use of alcoholic beverages, negative impacts of globalization, land conflicts with farmers and miners. Therefore, the authors studied were unanimous in stating that Brazil needs an efficient public policy aimed at these communities, with the aim of raising awareness among the entire population, especially the younger ones, on how to deal with this disorder; in order to guarantee their well-being and preserve their culture.

KEYWORDS: Suicide. Indigenous people. Indigenous suicide in Brazil. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

Estima-se que a cada ano cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior tenta cometer suicídio. O suicídio pode ser considerado uma tragédia que afeta famílias, comunidades e até países inteiros. Um dado preocupante é que o suicídio foi a principal causa de morte no mundo no ano de 2012, entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Esse problema não está restrito aos países emergentes, pelo contrário, afeta as pessoas de todos os países do mundo. Contudo, em 2012, aproximadamente 75% dos casos ocorreram em países de baixa renda. Este é um grave problema de saúde pública o qual pode ser evitado em tempo oportuno com base em evidências e intervenções de baixo custo. Mas para isso é imprescindível uma estratégia multissetorial (Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS, 2021).

Ainda com base em informações da OPAS (2021), embora as relações entre distúrbios mentais e suicídios, principalmente uso excessivo de álcool e depressão, seja mais comum em países de primeiro mundo, diversos casos de suicídio podem ocorrer de forma impulsiva em momentos de crise. Pode ser resultado de um colapso devido à incapacidade de lidar com situações estressantes, tais como: problemas financeiros, relacionamentos conturbados, dores crônicas e doenças. No entanto, outros fatores podem contribuir para a realização da prática como o enfrentamento de conflitos, violência, desastres, abusos, perdas e senso de isolamento. De fato, há grupos que por sofrerem discriminação e preconceitos são mais vulneráveis que os demais como é o caso dos refugiados e imigrantes, indígenas, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e pessoas privadas de liberdade.

Émile Durkheim, sociólogo do final do século passado, estudou com ênfase o tema suicídio, pois este assunto era considerado, até então, como um fenômeno disperso e aleatório. A partir de análises ele notou que a taxa de suicídio variava de acordo com o grau de interação dos indivíduos. Assim, pode-se notar que a necessidade de integração e socialização é de importância aos indivíduos; quando a relação entre as pessoas ocorre de forma saudável e amigável a qualidade de vida aumenta. Contudo, à medida que o indivíduo não satisfaz tal necessidade, os problemas psicológicos podem evoluir para complicações que estão associadas ao suicídio (WOLFF; DURKHEIM, 1960).

Para Durkheim (1897), o suicídio é o resultado da morte provocada com intervalo ou no mesmo instante, seja por um ato positivo ou negativo, causado pelo próprio sujeito estando consciente do resultado. Ele diferencia três tipos de suicídio, a saber: o suicídio egoísta, em que existe uma diminuição da integração social, resultando na individualização e afastamento dos vínculos familiares; o suicídio anômico, associado a situação de rebelião ou desordem social, em que os valores são abalados e desrespeitados e o suicídio altruísta, que diferente do egoísta, ocorre quando existe um apego social muito forte a ponto de perceber o ato como um gesto nobre, ou seja, o sujeito tem o dever de fazer para se livrar de uma vida desagradável e não considera a importância do individual.

Bertolote (2012) entende que o suicídio pode ser considerado um comportamento multifatorial e multideterminado resultante de uma série de complexos fatores de risco e proteção. Os fatores de risco favorecem o desenvolvimento do processo suicida visto que estão associados aos fatores sociodemográficos e individuais. Já os fatores de proteção estão relacionados à facilidade de acesso aos métodos suicidas.

Conforme Mota (2014), o suicídio no Brasil pode ser melhor compreendido através de uma análise detalhada da população brasileira. Para isso, os resultados obtidos através dos censos demográficos possuem importância inestimável. A partir dessas análises é possível constatar quais regiões apresentam um mal-estar mais crítico, o que facilita o desenvolvimento das políticas públicas. Ainda segundo a autora, as regiões provavelmente enfrentam problemas distintos o que requer a elaboração de materiais como: perfil

sociodemográfico completo, mapas com escalas cartográficas múltiplas e uma análise geográfica capaz de evidenciar a complexidade do assunto.

Quando comparado a todos os grupos étnicos do mundo, o número de suicídios em comunidades indígenas apresenta estatisticamente os piores resultados (OLIVEIRA; NETO, 2002). O bioma Amazônia é considerado o maior bioma de floresta tropical da Terra; este ambiente abriga há muito tempo povos de etnias tradicionais (os indígenas). Eles vivem do extrativismo vegetal, da caça e da produção de víveres. Possuem um território definido com o qual possui grande dependência afetiva (KOPENAWA-YANOMAMI, 2007). Destaca-se, porém, que os indígenas estão presentes em praticamente todas as regiões do Brasil, embora a concentração maior esteja na região Norte.

De acordo com Biase (2010) o aspecto cultural dos povos indígenas está relacionado a condições ambientais, de modo geral, sua cultura está completamente ligada ao meio ambiente e ao seu território. Ou seja, o território representa um fator de importância para esses povos, é parte integrante de seus modos de viver assim como os objetos, as comidas, as danças, e as crenças. As lideranças indígenas, os órgãos públicos e as organizações não governamentais (ONG's), preocupados com preservação da cultura e evitar casos de suicídio promovem ações e inovações voltadas à área da saúde, para que se torne possível construir caminhos alternativos de promoção da vida dos povos indígenas.

Motta (2014) afirma que os povos indígenas lutam todos os dias com o intuito de preservar seu território e sua cultura. Esses indivíduos estão constantemente enfrentando conflitos étnicos com fazendeiros, madeireiros e garimpeiros para manter seus territórios e, conseqüentemente, seus modos de vida. Há, porém, outro tipo de conflito que atinge esses povos: a “integração a todo custo” institucionalizada, empreendida pelos “brancos”, que tentam modificar e/ou substituir a cultura dos nativos. Isso pode gerar grande problema uma vez que o indígena pode não conseguir se adequar à nova identidade cultural.

Segundo Karajá (2019), devido a enorme facilidade que o povo *Iny* têm para mudar de um lugar para outro, cada aldeia é determinada pela demarcação de um território destinado a caça, a pesca e as práticas de rituais para garantir que todo o grupo possa reconhecer esses espaços culturais. Hoje em dia ainda

existe o costume em que as famílias, de forma estratégica, fazem acampamentos em pontos adequados que lhes permitam a atividade da pesca, tanto nas praias quanto nos rios. Contudo, suas crenças, cultura e língua próprias ainda se mantêm, pois através das crenças os valores são repassados de geração a geração pelos pajés (chefes tradicionais), curandeiros e anciões.

A fim de estudar a saúde mental dos povos indígenas brasileiros, Batista (2010) realizou uma pesquisa onde analisou como está a assistência de saúde mental indígena no país e as dificuldades em aprimorá-las e constatou que o suicídio é um fenômeno preocupante e que merece atenção. Segundo a autora, o suicídio pode ser considerado um fenômeno social complexo, em que nem mesmo a literatura entrou em consenso quanto à sua definição. Os motivos que levam uma pessoa a desenvolver o pensamento suicida são diversos, o que torna o fenômeno de difícil compreensão em qualquer sociedade. Assim, diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e as demais ciências sociais e da saúde além da religião tentam explicá-lo.

Batista (2010) defende que a participação dos indígenas é imprescindível em todo o processo de construção para atuação nas aldeias, ou seja, eles devem participar da formulação, do planejamento, da gestão, na execução e na avaliação das ações dos serviços oferecidos. Precisa-se estabelecer um estreito diálogo entre os profissionais de saúde, os profissionais que já atuam nas aldeias e os índios a fim de se (re)construir técnicas eficientes. A priori, a mediação entre psicoterapeuta e cliente/paciente é de importância até que esses indivíduos se tornem autônomos neste processo e consigam tomar suas próprias ações terapêuticas sem a necessidade de um mediador.

Pechincha (2018) afirma que há considerável número de trabalhos publicados que abordam o tema suicídio indígena, a maioria deles tem como autores pessoas ligadas aos campos da Psiquiatria, da Psicologia e, em menor grau, da Antropologia. O volume de estudos publicados aumenta à medida que cresce o número de casos, ou seja, em décadas recentes. A tendência geral, segundo pesquisadores, é que esses números continuem a aumentar entre as pessoas jovens, indígenas e não indígenas. Entretanto, o índice de suicídio entre os indígenas é bem superior aos não indígenas no país.

Com base nas informações aqui descritas, observa-se a importância da realização de estudos que contribuam para compreensão do fenômeno suicídio junto a população indígena, pois na ausência de esclarecimentos e informações a respeito dos riscos dos comportamentos autodestrutivos por parte dos familiares e da sociedade implica na possibilidade de detectar e tratar os sinais a fim de evitar o ato suicida. Desta forma, este estudo tem por objetivo discutir as informações disponíveis na literatura a respeito do suicídio na população indígena brasileira por meio de uma revisão bibliográfica da literatura.

2. METODOLOGIA

Este trabalho teve como metodologia a revisão bibliográfica, que envolveu uma pesquisa feita a respeito do suicídio na população indígena brasileira. Revisão bibliográfica diz respeito à identificação das obras consultadas que permite o reconhecimento individual das informações e tem como objetivo mostrar ao pesquisador as diferenças sutis sobre o tema selecionado, em que o mesmo irá obter conhecimentos sobre a pesquisa realizada, possibilitando, assim, fazer uma reflexão sobre o tema elencando com os resultados encontrados por outros autores (FONTELLES, 2009). Para realizar a pesquisa foram selecionados artigos científicos, nas plataformas Scielo e Google Acadêmico. Os descritores usados na pesquisa foram: “suicídio”, “suicídio indígena no Brasil” e “povos indígenas”. Após a leitura de resumos e objetivos, foi feita uma seleção dos artigos e lidos na íntegra aqueles que estavam totalmente alinhados com a temática desta pesquisa. Após a seleção e leitura completa dos artigos, foram excluídos aqueles em que não tratam diretamente do tema. Por fim, foram selecionados 16 artigos científicos coerentes com a temática proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo dados do último censo demográfico realizado no Brasil (IBGE - Agência de Notícias, 2020), no ano de 2010, a população indígena brasileira era composta por 817.963 pessoas, o que equivale a 0,4% da população total do país. Desses, 11,6% dos indivíduos tinham idades entre 10 e 14 anos. A maior parte dos indígenas residia nas macrorregiões Norte (42,1%) e Nordeste (23,9%).

Nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul os percentuais eram de, respectivamente, 17%, 7,8% e 7,8%. Souza (2019) realizou estudo comparando as taxas de suicídio entre os indígenas brasileiros e os não indígenas e chegou à conclusão de que a taxa de suicídio entre esses grupos é bem diversa. A taxa de suicídio entre os indígenas brasileiros foi de 11/100 mil, isto é, 18,5 vezes maior que a observada entre os não indígenas brasileiros, referente a 0,6/100 mil.

Através de análises espaço-temporal, é possível constatar que a mortalidade por suicídio nas comunidades indígenas nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil no final do século XX foi alta, e é justamente essas regiões que concentram a maior quantidade de povos indígenas (MOTA, 2014). Algumas etnias brasileiras apresentaram maiores incidências de casos de suicídio, a situação mais crítica foi a da etnia Guarani Kaiowá e Nhandeva - Mato Grosso do Sul, que apresentava uma taxa 19 vezes mais alta que a taxa nacional, e foi 10 vezes mais elevada que a da população não indígena do estado (FUNASA, 2010).

Erthal (2001) em sua pesquisa acerca dos índios da tribo Tikúna do Alto Solimões, no Amazonas, cujo objetivo foi buscar entendimento sobre a ocorrência de suicídio entre esses povos, procurou vincular a ocorrência de suicídio com os confrontos com diferentes grupos faccionais. Nesses conflitos ficou evidente o abandono sofrido por esses povos por parte dos órgãos responsáveis pela definição e implementação das políticas públicas direcionadas às populações indígenas. Assim, fica clara a falta de programas indiretos que visem atuar sobre os fatores intervenientes, infortúnios e violência em geral. Esses programas deveriam abranger vários aspectos, como: combater a pobreza, executar obras de saneamento básico, assistência adequada à saúde, não permitir a degradação ambiental, assegurar aos indígenas a posse de seus respectivos territórios (evitar invasão), ou seja, é necessário haver o desenvolvimento de projetos sustentáveis que preservem a saúde dessas comunidades.

Para Poz (1999 apud MOURA; REIS, 2019) na comunidade indígena Sorowahá, localizada no Amazonas, existe uma crença de que morrer jovem é a forma mais correta de falecer, pois acreditam que não existe boa aceitação da velhice pela comunidade, sendo um dos fatores que influenciam a prática de tirar a própria vida ainda jovem. Porém, o que mais chama a atenção é o denominado

“ritual do suicídio” que acontece em decorrência do adoecimento ou morte de um ente querido. O indígena, a partir desse evento, sem condições de lidar com suas emoções, manifesta a sua insatisfação e falta de sentido da vida destruindo tudo que lhe pertence, logo após sai de sua casa em busca do timbó (planta tóxica) com o objetivo de tirar sua própria vida e, ao ingerir, volta para morrer em sua casa. Muitos morrem no meio do caminho de volta, porém os que conseguem chegar são socorridos e salvos pela comunidade. Infelizmente uma morte pode resultar em outras mortes. O exemplo disso é quando o indivíduo não consegue ser salvo pela comunidade, e sua mãe, não conseguindo lidar com a perda, vivencia um luto profundo podendo também realizar o ritual do suicídio.

Segundo a entrevista desenvolvida por Karajá (2019), para o povo da comunidade Iny, a depressão, juntamente com o consumo exagerado de bebidas alcoólicas e outras drogas, problemas conjugais, condições socioeconômicas, violência interpessoal, transtornos mentais, baixa autoestima, tristeza e práticas religiosas são os principais fatores que podem levar à prática do suicídio.

Karajá (2019), em sua dissertação de mestrado, estudou o suicídio entre os indígenas no Brasil, especificamente do Povo Iny da Aldeia Hawaló (Santa Isabel do Morro), na Ilha do Bananal (TO), fenômeno que cresceu a partir de 2010. Um fato interessante é que a autora é enfermeira indígena e integrante da etnia pesquisada.

Através deste estudo puderam-se verificar os fatores e as causas responsáveis por induzir seus parentes a retirarem a própria vida. Na realização do trabalho, usou-se o auxílio de pesquisas bibliográficas junto a relatos pessoais de indivíduos integrantes da aldeia. A maioria dos relatos relacionou o suicídio à prática religiosa cultural. Os entrevistados relataram que perceberam que os jovens adquiriram conhecimento a respeito das práticas religiosas com o objetivo de fazer com que a pessoa, a qual o ritual é direcionado, provoque o suicídio. Ao concluir o ritual (prática religiosa), a pessoa alvo vai entristecendo, resultando muitas vezes em depressão, ouvindo vozes de comando dos espíritos considerados malfeitores, dizendo para tirar a própria vida. Todavia, a maioria das pessoas que cometeram o suicídio no passado foram familiares ou amigos próximos daqueles que estão sendo alvo do “encantamento” no presente, então,

passam a acreditar que as vozes são dessas pessoas queridas, e o desejo de encontrá-las e a crença de que isso é possível, leva ao desfecho suicida.

Karajá (2019) concluiu em sua pesquisa que é inadequado associar, como faz o senso comum, a causa do suicídio apenas ao uso abusivo de álcool e outras drogas, à falta de perspectivas dos jovens e as práticas religiosas tradicionais da cultura indígena, visto que o contato inter-étnico iniciado no século XVII foi modificando de forma lenta a cultura desses povos e as transformações tecnológicas e globais promoveram novas acomodações. Por fim, ela explica que o exagerado número de suicídio entre os povos indígenas, principalmente entre os jovens, deve ser enfrentado por uma eficiente política pública do Estado Brasileiro.

A pesquisa desenvolvida por Mota (2014), a qual teve o objetivo de compreender o suicídio em uma determinada reserva indígena (ou grupos de um determinado território), contribuiu para enriquecer as discussões a respeito do tema. Todavia, essa iniciativa não consegue dimensionar o problema em escala nacional. É necessário sensibilizar a sociedade civil e os governantes acerca da urgência e relevância que tem a questão do suicídio, em especial na comunidade indígena. Precisa-se, portanto, elaborar eficientes programas de intervenção. Destaca, ainda, que é necessário estudar o suicídio indígena a nível local, regional, nacional e latino-americano. Desse modo, é possível comparar as interações espaciais bem como os processos socioeconômicos e político-culturais relacionados às territorialidades dos indígenas, às políticas públicas de saúde indígenas existentes e de prevenção ao suicídio em minorias étnicas.

São vários os fatores que podem contribuir para aumentar os índices de suicídio entre os jovens indígenas brasileiros. Um dos fatores é o reflexo da “doutrina da descoberta” na atualidade, que teve início com a imposição da cultura europeia na etapa de colonização de diversos povos, em que a cultura dos povos nativos era desprezada e eles passavam a ser obrigados a aprender e aceitar novas práticas culturais, ao mesmo tempo em que eram dominados e explorados (IWGIA, 2013).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo discutir as informações disponíveis na literatura a respeito do suicídio na população indígena brasileira por meio de uma revisão bibliográfica da literatura. Com base nesta pesquisa foi possível constatar que a população indígena é um dos grupos sociais mais vulneráveis ao suicídio. Os dados aqui apresentados chamam atenção e preocupam. É inquestionável que políticas públicas estratégicas com a finalidade de tratar dessa questão precisam ser desenvolvidas.

A analogia entre os números de suicídio cometidos entre indígenas e não indígenas revela que o índice referente àqueles é bem superior. As causas que podem levar os indígenas a cometer suicídio variam muito, até mesmo de uma etnia para a outra, pois cada uma contém costumes e hábitos específicos. Os principais motivos são: uso excessivo de álcool e outras drogas, depressão (por motivos diversos), problemas psicológicos, baixa autoestima, condições socioeconômicas, conflitos violentos de terras com madeireiros e garimpeiros, e algumas práticas religiosas que podem influenciar, principalmente, os mais jovens em tirar a própria vida por considerar que a velhice está associada a algo negativo.

Além desses problemas há ainda o fator globalização, quando esses povos vão perdendo aos poucos suas identidades e sua cultura é desvalorizada. A tecnologia passa a influenciar (e modificar) cada vez mais a cultura desses povos o que pode gerar crises de comportamento levando-os ao desfecho suicida.

Assim, é imprescindível que se desenvolvam políticas públicas estratégicas a fim de solucionar (ou amenizar) essa problemática. Necessita-se que este tema seja amplamente discutido nas escolas, em universidades, sejam realizados com frequência os debates públicos sobre o tema e, principalmente, é indispensável o envolvimento dos diversos profissionais da saúde. Desse modo, maior número de pessoas será conscientizado e saberá lidar com o assunto o que proporcionará melhor qualidade de vida a essas pessoas e garantirá a manutenção dessas culturas tão ricas e importantes para o país.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Marianna Queiróz. **Saúde Mental Indígena: Um desafio Interdisciplinar**. 2010. 48f. Monografia (Apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia) – UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília (DF), 2010.
- BERTOLETE, José Manuel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BIASE, Helena. **Antropologia, Saúde e Povos Indígenas**. In Psicologia e Povos Indígenas. CRP-SP. São Paulo, 2010.
- CRUZ, Mayara Peres; CAMARGO, Nayara Santos. **Suicídio – Interfaces de um problema de saúde pública**. São Paulo, 2017.
- ERTHAL, Regina M. De Carvalho. **O suicídio Tikúna no Alto Solimões: uma expressão de conflitos**. Cadernos de Saúde Pública, v. 17, n. 2, p. 299–311, mar. 2001.
- FUNASA. **Distritos Especiais**. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio_2010.pdf>. Acesso em: 14 maio de 2021.
- IBGE - AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. **Censo 2010**: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiombras>>. Acesso em: 30 out. 2021.
- KARAJÁ, Jijuké Hukanaru de Farias. **Suicídio entre os Iny (Povo Karajá): Percepções da Comunidade de Hawalló**. 63f. Dissertação de Mestrado (para obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF), 2019.
- KOPENAWA YANOMAMI, Davi. **Encontro de avaliação dos efeitos das mudanças climáticas no Alto Rio Negro**. Informação verbal. Sala de reuniões, Teatro Chaminé, Manaus/AM, 2007.
- Psicologias em Movimento - v.2, n.2: jul-dez, 2022.

MOTA, Adeir Archanjo da. **Suicídio no Brasil e o contexto geográfico: contribuições para a política pública de saúde mental**. 226f. Tese de Doutorado (apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente (SP), 2014.

MOURA, Jade Fernando; REIS, S. **O Fenômeno do Suicídio na Tribo Sorowahá: Particularidades e Generalidades**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/1143>>. Acesso em: 28 out. 2021.

OLIVEIRA, Cleane.; NETO, Francisco Lotufo.; PIRES, R. **Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro** Endereço para correspondência: AMBAN -Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP. Rev. Psiq. Clín, v. 30, n. 1, p. 4–10, 2003.

OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. **Suicídio**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PECHINCHA, Mônica. **Aportes da etnografia sul-americanista ao entendimento dos suicídios indígenas: Uma tentativa de síntese a partir de noções divergentes de “psique”/“alma”**, Anuário Antropológico [Online], I | 2018, posto online no dia 26 maio 2019, consultado no dia 26 de Agosto de 2021. URL : <http://journals.openedition.org/aa/2965> ; DOI : 10.4000/aa.2965.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **Metodologia da pesquisa científica: Organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**, 2015. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf>.

SOUSA, Ianka Cristina. **O suicídio como um grave problema de saúde pública**. Repositório Institucional. Anápolis, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/2955>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

WOLFF, Kurt H.; DURKHEIM, Emile. **Emile Durkheim, 1858-1917: a collection of essays, with translations and a bibliography**. The Ohio State University Press, 1960.